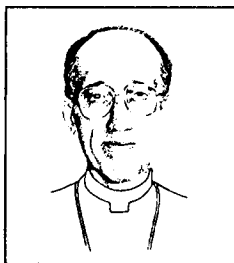


DOM LUCAS MOREIRA NEVES

Encarnação e direitos humanos

ESTADO DE SÃO PAULO



Ao longo destes 50 anos, vêm esses direitos básicos sendo negados ou espezinhados

Consinta o leitor que eu recorde aqui a já sabida diferença entre duas concepções do tempo (e, por conseguinte, da História). Uma, de raiz ocidental, de cunho mais racional e objetivo, vê o tempo, os fatos e suas comemorações como passagem regular pelos mesmos pontos, de maneira *linear*. A outra visão, de origem oriental e atenta ao aspecto misterioso das coisas e da vida, colhe o tempo como uma evolução *em espiral*: passa pelos mesmos pontos, mas um grau acima. A História é vista, pois, como uma ascensão.

A liturgia católica inspira-se na segunda concepção. Todos os anos se celebram os ciclos litúrgicos — Advento, Natal, Quaresma, Páscoa, Pentecoste, Tempo Comum —, mas não é uma repetição, cada ano a Igreja vive esses períodos ou estações um ponto acima. Há uma *ascensão* rumo a uma meta *transistórica*. Esta se encontra no desconhecido instante em que Jesus voltará para julgar os vivos e os mortos e instalar seu Reino definitivo em novos céus e nova terra. Para lá sobe a História no seu caminhar.

É o que acontece neste Advento que estamos celebrando e vivendo mais uma vez na história humana e na nossa história pessoal.

Como o nome *Advento* está a indicar, aquilo que este tempo anuncia é a vinda de Jesus à Terra e ao mundo. Uma tríplice vinda: Ele *veio*, feito homem, ao nascer de Maria de Nazaré numa estrebaria, nos arredores de Belém; Ele *vem* sem cessar pela sua palavra, por

seu *Evangelho*, sua lei de amor, ao penetrar quer na consciência pessoal e individual, quer na sociedade humana que o acolhe; Ele *virá*, como prometeu e como O esperamos.

Entre os adventos de Jesus, a liturgia deste tempo acentua principalmente o que se realizou na noite do Natal. Aquele que o evangelista João descreveu com palavras simples, mas carregadas de estuor perante um mistério: "O Verbo tornou-se carne e levantou sua tenda no meio de nós." A esse mistério a Igreja, desde as suas origens, dá o nome de *Encarnação*. Podemos falar do *mistério da humanização* (se é lícito usar tal neologismo) ou da *humanização* de

Deus por meio do seu Filho.

Por esse mistério, para o cristianismo, Deus irrompe na humanidade e na história humana. Isso permite aos cristãos evitar dois extremos. De um lado, um certo *imanentismo*, com a inevitável confusão entre o divino e o humano, como se os dois conceitos fossem, no fundo, idênticos. De outro, uma verdadeira incomunicação entre o homem e Deus, aceitando-se, no máximo, uma benévola aproximação de Deus. Afirmando que, no seu Verbo, Deus entrou na humanidade, exprimimos com a maior plenitude a aliança e a comunhão entre as duas realidades.

Para a humanidade, este *mistério da Encarnação* ou da *humanização* de Deus tem conseqüências enormes, que podemos apenas enunciar em poucas palavras.

■ Primeiro, usando uma expressão audaciosa que provém de autorizados padres e doutores da Igreja, se costuma dizer que "Deus se fez homem para que o homem se tornasse, de algum modo, Deus".

■ Segundo, de acordo com uma sentença do Concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, "só quando confrontado com o Verbo de Deus feito homem se entende plenamente o mistério do homem". Nossa visão da pessoa humana é incompleta, reduzida e estreita, se não vemos cada pessoa à luz do Filho de Deus feito homem.

■ Terceiro, na medida em que vemos cada pessoa humana como reflexo do Deus *humanado*, Jesus Cristo, compreendemos quais são e quanto pesam os direitos humanos dessa pessoa.

Evoco e exponho de bom grado estas idéias (que são, em mim, convicções e certezas) no momento em que comemoramos 49 anos da *Declaração dos Direitos Humanos* e entramos no ano jubilar do importante documento.

Este guarda toda a sua vigorosa atualidade por dois motivos aparentemente contraditórios: porque os direitos ali enunciados são básicos, obrigatórios e inofismáveis e porque, ao longo destes 50 anos, vêm sendo todos eles negados ou espezinhados em todos os níveis e nas mais variadas formas.

Mas, por falar nisso, e reatando com o tema do Advento, me vêm à mente duas perguntas incômodas (mas "perguntar não ofende").

■ Primeira, será que a verdadeira Carta dos Direitos Humanos não se encontra no *Evangelho* de Jesus Cristo?

■ Segunda, admitindo o valor e a relevância da declaração, poderá abraçar e cumprir seus ditames uma sociedade que, dizendo-se cristã, desconhece, menospreza ou descumpra o *Evangelho*?

■ Dom Lucas Moreira Neves, O. P., cardeal-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, é presidente da CNBB